



12º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

"BISAVÓ"

Autor(es)

---

GUSTAVO FONTES RODRIGUES

Contos / Cricas

---

"Bisavó"

Augusto Kosha

São vagas as minhas lembranças daquele quarto, mas uma em particular é intensa e vive até hoje dentro de mim. Por mais estranho que seja, lembro-me do breu. Da escuridão. Estava sempre com a luz apagada e a janela fechada. Eu conseguia chegar até a porta e só. Parava ali. Não conseguia avançar.

Aquele quarto parecia um território proibido. Não que houvesse restrição para entrar, a porta, diga-se, estava sempre aberta. O meu pai sempre me incentivava a dar um passo a mais e romper com aquela linha imaginária que eu traçara. Ele não insistia. No fundo, sabia que talvez eu até quisesse, mas não conseguia. Era eu mesma que não me permitia passar daquele limite. Daquela porta.

Até onde costumava chegar, conseguia ver muito precariamente o final da cama, à minha direita, e o grande armário embutido, à minha esquerda. O cheiro era característico. Não sei de que, nunca mais senti aquele cheiro. Talvez fosse o cheiro da escuridão. Da dor. Do sofrimento. Daquela quarto.

Meu pai ficava por poucos minutos lá dentro. Talvez ele também não se sentisse bem ali. Talvez o fizesse por obrigação. Talvez não. Mas era certo que, quando chegávamos à casa da minha avó e na hora de ir embora, o meu pai sempre ia até o quarto. Eu também ia. Mas só até a porta. Sempre.

Ouvia dizer que ela estava melhorando. Que ela comia bem e mostrava uma evolução "surpreendente" para a sua idade. Eu não entendia muito bem o que isso queria dizer. Como alguém, em um quarto escuro, poderia estar melhor? Mas ela estava. Minha avó garantia ao meu pai.

Eu me lembro dela antes da queda e da cirurgia. Era bem velha. Magra. O rosto cansado era formado por camadas de pele que pareciam derreter umas sobre as outras. Em sua boca faltavam alguns dentes, e a visão estava seriamente prejudicada pelo glaucoma. Tudo isso fazia com que eu a evitasse. Não queria que fosse assim, mas, aos três anos de idade, você segue os seus instintos sinceramente, independentemente de quem goste ou se magoe com eles.

Certa vez, já com seis anos de idade, resolvi enfrentar aquele quarto. Aquela escuridão. Resolvi que travaria aquela batalha sozinha. Era hora de vencer as minhas paúras.

Ao meu limite cheguei facilmente. À porta do quarto. Agora, eu estava ali, à beira de enfrentar um dos meus maiores desafios. Era como a beira de um precipício. Cabia a mim continuar ou não. Pular de cabeça na escuridão. No desconhecido. Encarar aquilo tudo com a coragem e a curiosidade de... uma criança.

Hesitei alguns minutos. Ainda ouvia a conversa vinda da sala, atravessando os corredores. Talvez tenha sido a primeira vez que senti o meu coração acelerar. Disso, lembro-me bem. Fechava e abria os meus olhos tentando me acostumar àquela escuridão. Estava, sim, por minha própria conta e risco. Eu havia decidido que a hora tinha chegado.

Coloquei o pé esquerdo dentro do quarto. Lentamente, pelo movimento do meu pé, meu corpo e, principalmente, minha cabeça foram também vencendo aquela escuridão. O silêncio agora tomava conta dos meus ouvidos e também dos meus pensamentos e acelerava mais ainda o meu coração.

Me sentia entrando em um outro mundo. Um novo mundo. Diferente. Sombrio. Aquele lugar tão ameaçador por tantos anos ia aos poucos sendo desbravado por mim. O medo era vencido. O orgulho de mim mesma me dava força para continuar.

Segui por aquele pequeno corredor, formado pelo armário embutido, à esquerda, e a cama, à direita. Ao olhar para a cama, logo me deparei com o seu rosto. Ela estava deitada e a sua cabeça ficava virada para a porta. Talvez por inconscientemente saber disso, não

---

quisesse nunca entrar ali. Saber que logo me depararia com ela me causava medo. Dei apenas dois passos, parei e mirei o seu corpo. Magro. Coberto por um fino lençol velho. A boca semiaberta buscava sorver a vida de onde ela pudesse ser sorvida. Seus olhos estavam fechados. Graças à claridade vinda do corredor, eu podia ver, com um pouco mais de detalhes, o corpo e o rosto dela. Os meus olhos se acostumavam lentamente à falta de luz.

Voltei a caminhar devagar, adentrando ainda mais o quarto, apoiada à cama. Logo encontrei a sua mão sobre o colchão. Parei novamente. Por alguns segundos olhei fixamente para aquela mão. Frágil. Quanto tempo? Há quanto tempo?

Lentamente cheguei a minha mão mais perto da dela. Até que encostei os meus dedos delicados na fina pele que revestia os dedos dela. Ela não esboçou reação. Eu voltei a olhar para o seu rosto. Ela dormia. Ou pelo menos eu achava isso.

Quando eu menos esperava, os seus dedos se entrelaçaram aos meus. Eu levei um susto, e desse susto eu me recordo até hoje. Mas, assim como ela, permaneci imóvel. Apenas olhando, agora, para as nossas mãos. Ela apertava sem muita força os meus dedos. Eu fechei os olhos, senti uma coisa que não sabia o que era e puxei, lentamente, a minha mão para longe da dela. Me afastei do colchão, encostei no armário e olhei para a luz, vinda da porta sempre aberta.

Corri para fora do quarto. Voltei à luz. À claridade. À vida. Ao mundo que eu vivia e que não pertencia mais a ela. Meu coração ainda batia forte. Foi sem dúvida uma das experiências mais marcantes da minha infância. Lembro disso até hoje, quase trinta anos depois. Foi a última vez que a vi se mover. Foi a última vez que senti o seu toque. Foi a última vez que ela falou comigo, me disse tudo o que eu queria saber e me fez entender perfeitamente a sua situação. Tudo isso, sem dizer nenhuma palavra. Tudo isso em um único e breve toque.

Talvez esse toque tenha sido a forma mais digna e carinhosa que ela encontrou para me dizer adeus.